

A CRISE CAPITALISTA E O ESTADO TOTALITÁRIO ALEMÃO (1933-1945)

Rosalina Lima Izepão¹

Helis Cristina Zanuto Andrade Santos²

RESUMO: Em 2018 completou-se 85 anos da ascensão de um dos maiores ditadores que o estado nacional moderno conheceu, Adolf Hitler. O nazismo, alternativa extrema da estrutura burguesa para manter o *status quo* na Alemanha, foi marcado pelo autoritarismo, fanatismo, militarismo, repressão e extermínios de judeus, comunistas, ciganos e outros grupos minoritários. Neste artigo apresentam-se alguns elementos que se constituíram motivos que permitiram a formação e desenvolvimento do estado totalitário alemão sob o comando de Hitler, sua ascensão e queda. O objetivo é mostrar que apesar do aparente otimismo dos anos 1920 nos países capitalistas, após a I Guerra Mundial (1914-1918), as estruturas do Capitalismo estavam abaladas, resultando na depressão que atingiria fortemente a Alemanha no período entre guerras (1919-1939). Da mesma forma, contribuiu para a emergência, desenvolvimento e queda do nazismo (1933-1945). Metodologicamente, tratou-se de uma pesquisa que pode ser caracterizada, por seus objetivos, como bibliográfico-descritiva. O artigo encontra-se estruturado em cinco seções. Na primeira tem-se a Introdução, na segunda apresentam-se as condições políticas e econômicas da Alemanha nos anos 1920, na terceira mostram-se o processo de ascensão de Hitler ao governo alemão e a consolidação do nazismo, na quarta discutem-se aspectos ligados à economia e à política alemã no III Reich e na quinta tem-se as Considerações Finais.

PALAVRAS-CHAVE: Crise Capitalista. Estado Totalitário Alemão. Terceiro Reich. Hitler.

ABSTRACT: The year of 2018 completed 85 years of the rise of one of the biggest dictators that the modern National State has known, Adolf Hitler. Nazism, an extreme alternative of bourgeois structure to maintain the status quo in Germany, was marked by the authoritarianism, fanaticism, militarism, repression and extermination. In this paper, are shown elements that constitute reasons that allowed the formation of Germany Totalitarian State or III Reich, under Hitler's command, its rise and fall. The goal is to show that despite the apparent optimism of the 1920's in the capitalist countries, after the First World War (1914-1918), the truce and stability that established Weimar's Republic in Germany, the Capitalism structures were condemned resulting in the depression that strongly reached Germany.

KEY WORD: Capitalism Crisis. Germany Totalitarian State. Third Reich. Hitler.

Data da submissão: 26-08-2018

Data do aceite: 11-09-2018

JEL: N00; N40; N44

1. INTRODUÇÃO

Em 1977, o diretor de cinema do século XX, Ingmar Bergman, apresentou o filme *The Serpent's Egg* ou O Ovo da Serpente. A película narra o cotidiano de um médico que vivia em Berlim, em 1923, e que fazia experiências para destruir seres humanos. O período retrata a República de Weimar e a sociedade alemã que antes havia sido um império, se perdendo no caos político e econômico. A história consiste em um prenúncio ao que a Alemanha viveria a partir de 1933, quando Adolf Hitler chegou ao poder e instituiu o III Reich, cujo desfecho final só ocorreria em 1945, com o fim da II Guerra Mundial.

¹ Professora associada do Departamento de Economia da Universidade Estadual de Maringá (DCO/UEM).

² Doutoranda em Economia – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Quando se fala em II Guerra Mundial, o horror nazista da Alemanha logo vem à mente, pois, ao terminar esta guerra, os campos de concentração e as atrocidades praticadas pelo estado totalitário alemão, sob o comando de Hitler, foram revelados ao mundo. De acordo com Blainey (2009), por meio do nazismo e símbolos como a suástica³ e gestos como “*Heil Hitler*”, a Alemanha respondeu à instabilidade política e econômica, à descrença nas instituições e nos partidos tradicionais, que faziam parte da crise capitalista do período entre guerras (1919-1939).

Neste artigo apresentam-se alguns elementos que se constituíram motivos que permitiram a formação e desenvolvimento do estado totalitário alemão sob o comando de Hitler, sua ascensão e queda. O objetivo é mostrar que apesar do aparente otimismo dos anos 1920 nos países capitalistas, após a I Guerra Mundial (1914-1918), as estruturas do Capitalismo estavam abaladas, resultando na depressão que atingiria fortemente a Alemanha no período entre guerras (1919-1939). Da mesma forma, contribuiu para a emergência, desenvolvimento e queda do nazismo (1933-1945).

Metodologicamente, tratou-se de uma pesquisa que pode ser caracterizada, por seus objetivos, como bibliográfico-descritiva. O artigo encontra-se estruturado em cinco seções. Na primeira tem-se a Introdução, na segunda apresentam-se as condições políticas e econômicas da Alemanha nos anos 1920, na terceira mostram-se o processo de ascensão de Hitler ao governo alemão e a consolidação do nazismo, na quarta discutem-se aspectos ligados à economia e à política alemã no III Reich e na quinta tem-se as Considerações Finais.

2. AS CONDIÇÕES POLÍTICAS E ECONÔMICAS DA ALEMANHA NOS ANOS 1920

Após a I Guerra Mundial (1914 – 1918), apesar de países democráticos como os Estados Unidos, França, Reino Unido e Itália saírem vitoriosos, o que se viu na Europa foi a ascensão de estados totalitários nascidos da crise política e econômica capitalista que se instalou em diversas partes do mundo.

Entre os regimes autoritários, a Itália foi a primeira nação a adotar o fascismo em 1922 e que, comandado por Benito Mussolini, se constituiu em modelo para outros países. Mais tarde, em 1933, a Alemanha adotaria o nazismo sob o comando de Adolf Hitler. (ARRUDA, 1980)

A crise econômica da Alemanha no pós guerra era muito semelhante à da Itália. Porém, havia o agravante que, em 1919, após a I Grande Guerra Mundial, os líderes das forças aliadas, em especial, os da Inglaterra, França e dos Estados Unidos se reuniram em Versalhes, na França, para definir uma pauta de ações para manutenção da paz na Europa. Na mesma reunião, decidiu-se, também, que a Alemanha, uma das economias derrotadas no conflito, deveria, entre outras obrigações, pagar indenizações às nações vencedoras.

Assim, em 28 de junho do mesmo ano foi assinado o Tratado de Paz de Versalhes⁴. O que foi traumático para o povo e a economia alemã que emergia da I Guerra Mundial totalmente desestruturada, repleta de movimentos sociais em razão das altas taxas de desemprego e da hiperinflação. Somava-se a isto o fato da Alemanha ter perdido suas colônias da Ásia, África, Oceania e parte do seu território no Vale de Ruhr, grande produtora de carvão e aço. O país perdeu, ainda, o direito de voltar a se militarizar. (MOTA; BRAICK, 2000).

Ao caos econômico e social do país somava-se a intensa crise política com a abdicação do imperador Guilherme II, ao trono alemão. Assim, em 1919, foi criada a República de Weimar⁵ que, em 1920, já se sustentava com muita dificuldade em razão da fome, das greves, desemprego, inflação e dos golpes políticos internos. Nesta época, as propostas de soluções para a situação caótica alemã vinham de todas as partes. Entretanto, duas se destacavam: a) da esquerda, representada pelos partidos da social democracia e do comunista alemão; b) da direita, onde se destacava o partido nazista, abreviatura de *National Sozialistische Deutsche Arbeiterpartei* ou Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães. (LOPEZ, 1983)

³ A suástica era um símbolo utilizado bem antes dos nazistas. O seu uso como logomarca data do século X, mas ganhou associação ao nazismo no período em que a Alemanha foi administrada por Hitler. Ver Mota e Braick (2000).

⁴ O Ultimato de Londres, de maio de 1921, se referia ao montante que a Alemanha deveria pagar sobre as reparações da guerra. A soma da dívida alemã foi estimada em 24 bilhões de libras esterlinas o que, para muitos autores, era uma quantia impossível de ser paga. Ver Couto e Hackl (2007).

⁵ Dá-se o nome de República de Weimar ao Estado alemão surgido após a I Guerra Mundial e que terminou em 1933, com a nazismo. Na realidade, o Estado alemão desde a sua unificação, em 1871 até 1933 era chamado de *Deutsches Reich* ou Reino Alemão. O III Reich durou de 1933 a 1945.

O Partido Nazista, embora fosse dos trabalhadores, era apoiado pelo grande capital e pela média e pequena burguesia, que, temendo o comunismo, apoiavam o nazismo. Assim, o Partido Nazista passou a crescer nos anos 1920. A crise política na República de Weimar também foi importante para o crescimento do nazismo, pois este se apresentava com a proposta de um Estado forte e capaz de libertar a Alemanha das restrições impostas pelo Tratado de Versalhes assinado em 1919. (LOPEZ, 1983).

No aspecto econômico, a inflação se encontrava descontrolada e o *Reichsbank*, Banco Central da Alemanha, não conseguia manter a demanda por moeda. De acordo com Schacht (1999, p.222): “Inúmeras cidades e firmas passaram a imprimir seu próprio ‘dinheiro de emergência’ e com ele pagar despesas. O *Reichsbank* não pôde recusar-se a aceitar aquele dinheiro em seus caixas e a tratá-lo como de igual valor às próprias cédulas. O problema é que tornou-se impossível controlar o dinheiro de emergência emitido.” O que implicou na instalação do caos em todo o processo de circulação dos meios de pagamentos no país.

De acordo com Couto e Hackl (2007, p 319), “a disseminação de outras moedas estrangeiras mais estáveis que a moeda alemã fez com que o marco perdesse, inclusive, a sua função de meio de pagamento. Em novembro de 1923, o estoque de marcos em circulação era irrisório”. A situação econômica alemã era caótica, a produção estava parada, o desemprego crescendo em ritmo alarmante e o *Reichsbank* indiferente à situação até o momento em que cessasse o debate sobre as renegociações acerca das reparações da guerra. Concomitantemente, o movimento socialista tomava força na Alemanha, enquanto Hitler se movimentava no sul do país, tendo, inclusive, em 1923, tentado um golpe militar na Baviera onde o Partido Nazista estava mais forte, mas fracassou.

No ano seguinte, 1924, Horace G. Hjalmar Schacht foi nomeado, pelo governo alemão, presidente da comissão de implantação do plano de estabilização chamado “*Retenmark*”, tendo como base a criação de uma nova moeda, que recebeu o mesmo nome do plano. Por meio das medidas estabelecidas pelo plano *Retenmark*, a inflação começou a ser controlada. Com o sucesso do plano, ainda em 1924, Hjalmar Schacht foi nomeado presidente do Banco Central alemão, pelo presidente alemão, Friedrich Ebert. Entre as prioridades de Schacht estavam a definição de políticas de combate ao chamado “dinheiro de emergência”, a fixação da taxa de câmbio e a reestruturação fiscal visando melhorar as contas do governo. (COUTO; HACKL, 2007)

Tendo por base estes novos objetivos, em 30 de agosto de 1924, a moeda oficial alemã *Retenmark* foi substituída pelo *Reichsmark*. De acordo com Couto e Hackl, 2007, p. 321) “Até 23 de agosto de 1926, o *Reichsmark* manteve a paridade cambial como forma de garantir a equivalência com o dólar. A partir dessa data, esse sistema de âncora cambial foi abandonado e a taxa cambial passou a flutuar de acordo com as condições de mercado”.

De qualquer forma, apesar do sucesso do plano *Retenmark* em vários aspectos, a situação na Alemanha não era de tranquilidade. Tanto que o período entre 1920 e 1924 ficou conhecido como a “Era da Inflação”. Nesta terminologia, inclui-se, segundo Schacht:

(...) bloqueio da entrada de alimento no país, entrega de bens a potências estrangeiras, inexistência de direitos políticos, revolução social, enriquecimento repentino de figuras obscuras. Perda substancial das classes até então abastadas, empobrecimento da pequena, média e alta burguesia. Corrupção entre políticos e funcionários públicos, negociações políticas entre os partidos, as Forças Armadas e os ministérios. Mortalidade infantil crescente, criminalidade crescente, jovens deformados por causa do raquitismo, morte prematura dos idosos. (SCHACHT, 1999, p. 219)

De acordo com Couto e Hackl (2007), o presidente do Banco Central Alemão, Hjalmar Schacht, ainda em 1924, esteve no Banco Central Inglês em busca de moeda estrangeira para viabilizar crédito às empresas alemãs visando aumentar a produção e gerar empregos aos alemães. A intenção era, segundo Schacht (1999, p. 253): “(...) criar ao lado do *Reichsbank*, um segundo banco de emissão, baseado totalmente no ouro (...)”. A ideia era dar preferência às indústrias alemãs voltadas para a exportação. Este objetivo faria parte, segundo Schacht, de um novo plano que se chamaria *Golddiskontbank*.

De acordo com Couto e Hackl (2007), com a aceitação da proposta pelo Banco Central da Inglaterra, o plano *Golddiskontban* entrou em vigor em 13 de março de 1924. Antes disto, Schacht havia exposto a situação da Alemanha, na Conferência de Dawes, em Paris, abrindo possibilidade para negociações das reparações da guerra com a possível recuperação da economia alemã. Assim, o Plano *Dawes* foi assinado em agosto de 1924, o que contribuiu para o revigoramento econômico alemão, gerando confiança aos alemães e outros países. Para Couto e Hackl (2007, p. 325): “O Plano *Dawes* e o respeito que o *Reichsbank* adquiriu sob o comando de Schacht recolocavam a Alemanha de volta ao mercado internacional de créditos”.

Segundo Couto e Hackl (2007), com o crescimento da economia alemã tanto o capital estrangeiro, quanto outros empréstimos internacionais, em especial o norte americano, entraram na Alemanha de forma significativa até 1931. O problema é que a Alemanha estava pagando as reparações da guerra não com o saldo da balança comercial, mas por meio dos empréstimos. Assim, em 1929, foi realizada uma nova conferência, em Paris, que foi presidida pelo banqueiro americano Owen Young. No evento duas questões importantes constavam da pauta: a) discussão sobre os valores de reparos da guerra que a Alemanha ainda deveria pagar; b) a capacidade da Alemanha efetuar tal pagamento, sem prejudicar o seu crescimento econômico.

Nesta conferência, Schacht, segundo Couto e Hackl (2007), propôs o Plano *Young*, baseado na criação de um banco internacional que seria responsável pela redistribuição dos pagamentos das reparações da guerra e, ainda, por fazer empréstimo aos países subdesenvolvidos. O Plano *Young* foi assinado em 17 de julho de 1929, em razão das pressões do governo alemão. O problema é que o referido plano não foi executado da forma proposta por Schacht levando-o a demitir-se do *Reichsbank*, em 1931. Para Schacht, de acordo com os autores, as reparações representavam alto custo ao povo alemão, além de fortalecerem os partidos políticos extremistas tanto de direita, quanto de esquerda. Ele referia-se ao nazismo de Hitler e ao comunismo.

Outro acontecimento importante que levou à interrupção da recuperação da Alemanha foi o *Crash* de 1929, nos Estados Unidos, cujas consequências se propagaram para todas as economias capitalistas. Assim, em 1931, os países que haviam emprestado dinheiro à Alemanha começaram a retirada de capitais do país, levando-o ao esgotamento de suas reservas e à suspensão do pagamento dos seus empréstimos aos credores. Com a crise, o Partido Nazista que, em 1930, já havia eleito 170 parlamentares, em 1932 elegeu 230. (MOTA; BRAICK, 2000)

Em 1933, com a permanência da crise econômica e política e a forte pressão da classe capitalista alemã composta por industriais, financistas, latifundiários e da classe média, o então presidente alemão, Hindenburg, indicou Hitler como Primeiro Ministro do país, marcando o início da implantação do nazismo no país. (MOTA; BRAICK, 2000).

3. HITLER E O NAZISMO NA ALEMANHA (1933 – 1945)

Adolf Hitler nasceu em 02 de abril de 1889, em Braunau, na Áustria, mas seus primeiros anos de estudos foram realizados em Linz, em razão da transferência do seu pai, que era funcionário público, àquela cidade. Em Linz, na Áustria, Hitler entrou em contato com uma de suas primeiras influências, seu professor de História, Dr. Leopold Potsch, considerado um fanático nacionalista alemão. Ao referido professor, Hitler admitiu admiração aferindo-lhe um caloroso tributo em seu livro intitulado “Minha Luta”, publicado em 1925. De acordo com Shirer (1975), Hitler dizia que Potsch explicava a história de modo a fazer com que os alunos revivessem o passado, utilizando-se do fanatismo nacional como meio de educá-los. Assim, embora não fosse intencional, ele próprio teria se transformado em revolucionário.

Todavia, Hitler logo abandonou a escola, pois suas notas eram insuficientes para a formação naquele ensino, inclusive nas matérias que ele mais gostava, como História. Foi então que, depois da morte de seu pai, mudou-se para um pensionato, onde tomou consciência do significado da palavra hierarquia, uma vez que a maioria das famílias que morava naquela cidade tinha posses, diferentemente dele. Assim, começou a mentir e esconder sobre sua vida como, por exemplo, quando mentiu dizendo que era descendente de uma família de posses. (BLAINEY, 2009)

De acordo com Blainey (2009), na casa de Hitler havia a autoridade suprema do seu pai que desejava ver o filho na carreira de funcionário público, mas, Hitler acreditava ter talento para pintor. Com o intuito de seguir esta carreira mudou-se para Viena, capital da Áustria, aos 16 anos. A mãe, já viúva o sustentava financeiramente. Hitler amava ópera e as músicas de Richard Wagner. Tentou estudar arquitetura e pintura, mas sem sucesso.

Após o falecimento da mãe, Hitler tentou ser admitido em algumas escolas de Belas Artes, mas, não conseguiu aprovação em nenhuma das instituições. Continuou vivendo da pequena herança deixada pela mãe, e, na época já questionava a honestidade do Estado, convertendo-se em um fanático nacionalista e ostentando ódio pelas nações não germânicas do império austro-húngaro. Embora não gostasse de estudar tornou-se leitor ávido, com preferência por leituras ligas à história alemã e à mitologia germânica. (BLAINEY, 2009).

Levando uma vida ociosa, mudou-se de Viena para Munique, em 24 de maio de 1913, aos 24 anos. Suas leituras e interpretações da história se tornariam alicerces para o que seria em 1933, o III Reich comandado por ele. Escolheu

Munique para viver porque era um centro político e cultural mais desenvolvido que Berlim. Segundo Blainey (2009), também o fez como fuga do serviço militar. Tentativa infrutífera pois foi encontrado, em Munique, pelas autoridades do exército. Hitler alegou que não havia conseguido atender a primeira convocação em razão de problemas financeiros e pelo falecimento de sua mãe, e que, ainda assim havia enviado seus documentos para se apresentar em segunda oportunidade, mas que, provavelmente tais documentos tivessem sido extraviados. Desculpou-se pelo contratempo ocorrido e acabou safando-se deste compromisso militar.

Em 1914, com a eclosão da I Guerra Mundial, Hitler encontrou oportunidade de ser reconhecido. Alistou-se e foi aceito como voluntário no exército bávaro, mesmo sendo austríaco. No exército recebia bem as ordens dos superiores, não reclamava e era sério quanto aos objetivos da guerra. Na época, já defendia ideias contra marxistas, judeus, e pessoas que fugiam do serviço militar. Para Hitler, estes seriam inimigos da Alemanha e os judeus, inclusive, por dominarem o sistema produtivo e financeiro, além da mídia e vários partidos políticos constituindo-se, segundo Hitler apud Shirer (1975), no mal da Alemanha.

Segundo Shirer (1975), após participar de várias batalhas, no final da I Grande Guerra, em 1918, Hitler recebeu com ódio e frustração a derrota alemã. Para Hitler, assim como para a maioria dos alemães, o exército alemão não havia sido vencido no campo de batalha, mas, sim, traído pela própria Alemanha. Assim, arruinada a República de Weimar, Hitler organizou um pequeno partido político chamado Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, do qual faziam parte indivíduos de tendências nacionalistas. Com reuniões que pareciam espetáculos, o partido cresceu na Alemanha, fundou jornais, criou uniformes para os correligionários, recrutou novos integrantes oriundos da massa de desempregados e percorria a Alemanha ganhando cada vez mais espaço. Em 1923 tentou um golpe de estado, mas sem sucesso.

Nesta época, Hitler encantou-se também com as discussões sobre economia no tocante, por exemplo, ao capital produtivo e o especulativo. Foi contra a ideia popular na época de separação da Baviera e sua unificação com a Áustria. Segundo Shirer (1975), Hitler odiava a república de Weimar, os comunistas e judeus pregando a criação na Alemanha de um poderoso partido nacionalista. Neste aspecto, Dietrich Eckart, chamado fundador espiritual do Nacional-Socialismo, como mentor de Hitler apoiava suas ideias a respeito da superioridade ariana, a eliminação dos judeus e a deposição do que ele denominava “porcos” de Berlim. Pregava a necessidade de se ter na Alemanha um estado forte, com uma chefia que aguentasse os sons da metralhadora e que soubesse falar e se comunicar com a massa. Adolf Hitler pareceria ser esta pessoa. Eckart, além de mentor, tornou-se conselheiro íntimo de Hitler, ajudando-o com sua linguagem escrita e falada, apresentando-o a diversos indivíduos influentes e que iriam auxiliá-lo no futuro, durante o III Reich.

De acordo com Shirer (1975), sem saber, estavam moldando o movimento mais forte da Europa, que devastaria a Alemanha e a levaria para o Terceiro Reich. A Alemanha tinha poetas, intelectuais, pessoas ricas, mas de acordo com Shirer (1975, p. 73): “foi o ex-vagabundo Adolf Hitler, que não contava ainda trinta e um anos de idade e que era inteiramente desconhecido, quem assumiu a chefia do movimento, convertendo o que não passava de uma pobre sociedade de debates em algo que se tornaria logo um formidável partido político”. Segundo Shirer (1975, p. 74), com Hitler “(...) o partido rompeu os estreitos limites de um pequeno clube e, pela primeira vez, exerceu influência decisiva sobre o fator mais poderoso de nossa época: a opinião pública”.

Hitler sabia chamar a atenção da plateia, fazia uso de expressões que atraíam a população mais pobre, enfatizando a importância de suas opiniões, dizendo que eles deveriam erguer-se para se fortalecerem, pois seriam a raça superior. Dizia que o mais pobre ariano ainda era muito melhor que um poderoso judeu, disseminando, assim, o antisemitismo, marca do nazismo. Criado em 01 de abril de 1920, o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães ou NSDAP manteve inalterados os 25 pontos do seu programa oficial. Esses pontos atraíam falsamente os trabalhadores, a pequena classe média e os camponeses, mas a maior parte deles foi esquecida quando o partido atingiu o poder (SHIRER, 1975).

No programa do partido nazista, os pontos 1, 2 e 25, seriam colocados em prática assim que Hitler se tornasse chanceler, posto que vinha postulando há algum tempo. O partido exigia a união de todos alemães no Reich, a revogação do Tratado de Versalhes e St. Germain e a criação de um forte poder central do Estado. Como já mostrado na primeira seção deste artigo, a Alemanha conseguiu obter pequena recuperação econômica por meio dos planos executados por Schacht, entre 1920 e 1924, graças a investimentos ingleses e norte-americanos. (ARRUDA, 1980)

Contudo, a partir da crise de 1929, o plano Young fracassou, o capital estrangeiro se retirou da Alemanha, a inflação recomeçou, o número de desempregado cresceu de 1,3 milhões, em 1929, para 6 milhões, em 1933. Esta

miséria alemã contribuiu para a ascensão do partido nazista e Hitler: Nas eleições de 1930, os nazistas elegeram 107 deputados e os comunistas 77, em detrimento dos partidos de cunho liberal. Em 1932, Hitler candidatou-se à presidência da Alemanha, foi derrotado, mas obteve expressiva votação. (ARRUDA, 1980; FEST, 1976).

A popularidade de Hitler crescia desde então e o governo alemão nada podia fazer para frear sua ascensão, pois temia uma guerra civil. Através das reuniões e de suas conquistas, Hitler foi adquirindo maior destaque no cenário político. Foi convidado para uma entrevista com o presidente, em Berlim, e ali percebeu que este poderia lhe dar um cargo, mas nunca o de chanceler. Depois, fez um comício em Hanzburg, e falou que essa seria sua última manifestação antes do poder (FEST, 1976).

Hitler buscou se aproximar dos donos de indústrias, para aumentar seus apoiadores e pediu pela assinatura de uma petição que possibilitaria a ele tornar-se chanceler. Porém, não obteve total êxito. Em 1932, houve novas eleições para Presidente na Alemanha e Hindenburg, apesar da idade avançada, foi eleito, dando a Hitler o cargo de Conselheiro do Governo de Breenswick e a nacionalidade alemã que ele tanto queria e precisava. O fez cedendo a pressões políticas, pois nesta época Hitler já contava com o apoio e o financiamento de grandes magnatas. O partido nazista logo se tornou o maior do *Reichstag* ou Parlamento Alemão. Estes magnatas eram donos de empresas como Krupp, Kirdorf, Companhia de Seguros Allianz, Companhia de Aviação *Lufthansa*, *Fritz Thyssen*, *Deutsche Bank*, entre outros (LOPEZ, 1983).

Para combater e intimidar os adversários, Hitler contava com a S.A., *Sturm Abteilung* ou divisão de choque. Com este poder, Hitler já fazia comícios em todo o país usando avião, e demonstrando o poderio que estava adquirindo (FEST, 1976). No Ministério da República, o ministro Von Papen passou a ter dificuldade com o partido nazista, que lhe fazia oposição. Assim, o próprio Von Papen convenceu o presidente alemão a oferecer, a Hitler, o cargo de chanceler que ele tanto almejava. Desta nomeação à implantação do III Reich foi um processo rápido. Hitler passou a perseguir os comunistas, efetuando várias prisões e limitando as liberdades constitucionais, a partir da criação da Polícia Secreta do Estado, a Gestapo. (ARRUDA, 1980, FEST, 1976)

4. A ECONOMIA E A POLÍTICA NO III REICH SOB O COMANDO DE HITLER

Em novas eleições, em 05 de março de 1933, os nazistas obtiveram 44 % dos votos, dando a Hitler plenos poderes. As cores da república foram substituídas por uma bandeira vermelha com uma cruz em branco e preto, símbolo nazista. Todos os partidos foram dissolvidos, exceto o nazista. Hitler tornou-se o Fuher, chefe todo poderoso. Os estados germânicos passaram a ser administrados por pessoas indicadas por Hitler. Com o falecimento do presidente Hidenburg, em 1934, Hitler acumulou as funções de chanceler e chefe de estado, não havendo mais eleições para presidente. Assim, o nazismo foi legalizado na Alemanha e Hitler obteve o poder absoluto. (FEST, 1976; ARRUDA, 1980)

Em junho de 1934, Hitler que já havia mandado incendiar o parlamento e atribuído a ação aos comunistas, como pretexto para impor a ditadura no país, eliminou de maneira sangrenta e traiçoeira as lideranças da S. A., antes a seu serviço, substituindo-a pela SS polícia política, administrativa e criminal, sob o comando de Himmler. O episódio ficou conhecido como “Noite dos longos punhais”. De um lado, o exército alemão queria o domínio das forças armadas e de outro, Hitler não aceitava ser contestado. Assim, Hitler se tornou o senhor incontestado da Alemanha e iniciou oficialmente, com aval do Partido e do exército, o III Reich (LOPEZ, 1983).

De acordo com Beaud (2004) o Estado alemão após cinco anos de implantação já registrava quatrocentos mil alemães presos e muitos deles vivendo em campos de concentração. A economia apresentou crescimento, desde 1934, quando, em 2 de agosto, Schacht voltou a trabalhar para o governo alemão. Schacht assumiu o Ministério da Economia e, ao mesmo tempo, o cargo de presidente do Banco Central Alemão. Segundo Shirer, “toda a sabida magia de Schacht nas finanças foi posta a trabalhar para custear a preparação do Terceiro Reich para a guerra. [...] De 1935 a 1938 foram utilizados Saques Mefo⁶ exclusivamente para financiar o rearmamento...” (SHIRER, 1975, p. 387). A população na Alemanha, em 1934, era grande, portanto, havia uma alta demanda por alimentos. Como a produção não atendia toda demanda, a Alemanha ficava dependente das importações. Desse modo, no mesmo ano, Schacht elaborou mais um plano baseado no comércio bilateral e que foi chamado de “Novo Plano” (COUTO; HACKL, 2007).

⁶ Emissão de títulos por quatro grandes empresas alemãs.

Em 1935, quando Hitler lançou o segundo plano quadrienal, ao qual Hjalmar Schacht era contrário, o presidente do Banco Central começou a perder as influências que tinha sobre Hitler. Neste mesmo ano, Hitler desafiou o Tratado de Versalhes, decretando o serviço militar obrigatório. No plano econômico, o militarismo era interessante porque ativava a indústria bélica, o que acelerou a recuperação econômica por meio da produção de armamento, caracterizando a chamada economia de guerra. Além disso, o governo alemão organizou um vasto programa de obras públicas e, ao estilo keynesiano, não hesitou em gastar para assegurar o emprego (LOPEZ, 1983). O sucesso econômico justificava o regime ditatorial do III Reich à população.

Segundo Saes e Saes (2013), o governo alemão sob o comando nazista pode ser dividido em três fases: a primeira se estendeu de 1933 a 1936 e foi caracterizada pela execução do plano quadrienal pautado na geração de empregos, por meio da construção de rodovias, casas, obras urbanas e ferrovias; na segunda de 1936 a 1939 teve como foco as políticas visando a ampliação da produção para dar à Alemanha autossuficiência, por meio da implantação do monopólio estatal para o comércio exterior, da exigência de depósitos de moedas internacionais e ouro em circulação no *Reichsbank*, além do governo alemão realizar transações comerciais bilaterais com países do sudeste europeu, América Latina e Oriente Médio, o que elevou as exportações de produtos alemães da indústria química, minerais, alimentos, petróleo e materiais elétricos e maquinaria. Na terceira e última fase tem-se a II Guerra Mundial (1939-1945).

Os resultados foram positivos. O desemprego caiu de 3,7 milhões, em 1933 para 0,3 em 1938. Esta redução do desemprego, segundo Saes e Saes (2013) foi acompanhada do rápido crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de aproximadamente 9% ao ano, em média, no período de 1932 a 1936. Da mesma forma, o aumento do gasto público de 9,5 bilhões de RM, em 1932, para 21,9 bilhões de RM, em 1936, o que estimulou o crescimento industrial.

Entre 1933 e 1939, o nazismo teve uma chance enorme de fortalecer a economia do país, ampliar suas fontes de matérias-primas e mão de obra, ao conquistar diversas regiões e países vizinhos, sem guerra e sem ônus, já que a Inglaterra e a França, sentindo a importância da economia alemã no âmbito do capitalismo e a aproximação da União Soviética com a mesma, resolveram dar-lhe uma trégua. Segundo os próprios generais alemães, a Alemanha não teria nenhuma chance se a Inglaterra e a França resolvessem reagir e Hitler talvez caísse do poder. Então, mais que os planos pitorescos de Hitler e de seus mentores, a estabilidade econômica conseguida pela Alemanha na época do III Reich deveu-se ao apaziguamento dos países vencedores da I Guerra Mundial. Esse apaziguamento que os países da aliança deram para a Alemanha foi porque, na época, todos tinham como preocupação a expansão do comunismo da União Soviética (LOPEZ, 1983).

A reação anglo-francesa só veio quando Hitler resolveu desmembrar e anexar a Tchecoslováquia e criar um corredor na Polônia para unir a Alemanha à Prússia Oriental. As potências atlânticas prometeram à Polônia que se isto ocorresse iriam defendê-la, pois entendiam que haviam alimentado um “monstro que se revelava incontrolável” (LOPEZ, 1983, p. 69). Tinha-se início à queda do III Reich, com a II Guerra Mundial. Para Lopez:

Enquanto a I Guerra resultou das contradições entre países capitalistas, a segunda começou quando as contradições entre o capitalismo e seus mecanismos de defesa (Nazismo/Fascismo) se tornaram mais fortes, ainda que momentaneamente, do que as contradições capitalismo/socialismo (LOPEZ, 1983, p. 70).

Não foi só Hitler, louco e fanático, que provocou a II Guerra, mas também o capitalismo ocidental que o apoiou porque representava um “remédio” contra o comunismo. A II Guerra Mundial teve início em 01 de setembro de 1939. A Alemanha possuía um grande exército e contava com a neutralidade da União Soviética. Em 1941, houve uma ofensiva dos países fascistas e da Alemanha, que obteve vantagens e ocupou várias regiões da Europa e da Ásia. Porém, o regime hitlerista foi derrotado quando se esgotou o seu poder de agressão. O Reich de mil anos sonhado por Hitler começou a desmoronar, efetivamente, a partir de 1943, quando a Alemanha começou a recuar em todas as frentes em que se envolvia, perdendo várias batalhas. Em 1944, um complô do exército alemão tentou matar Hitler, mas não conseguiu, porém, o III Reich desmoronava de maneira irreversível (SHIRER, 1967).

Em abril de 1945, a II Guerra chegou ao fim, e Hitler e alguns de seus auxiliares se refugiaram num *bunker* da chancelaria de Berlim. Em 29 do mesmo mês, casou-se com Evan Braum, e ambos suicidaram-se. Em 08 de maio de 1945, a Alemanha se rendeu aos ingleses, americanos e russos, que não reconheceram o sucessor nomeado por Hitler, o almirante Doenitz (SHIRER, 1967).

Os resultados da Guerra foram devastadores e o preço pago pelos grupos minoritários foi altíssimo. Não há um valor exato de números de mortos na II Grande Guerra porque muitas mortes não foram registradas. Há autores

que sugerem um total de 60 milhões de pessoas entre soldados e civis, os últimos sendo parte da precariedade da época, fome e doenças, e ainda por genocídios e bombardeios. No holocausto, 6 milhões de judeus foram assassinados, conjuntamente com mais 5 milhões de pessoas, as quais se incluem ciganos, eslavos e homossexuais. Enfim, aqueles que não pertenciam à chamada raça superior⁷, como pregava Hitler. Para ter-se uma ideia da quantidade de mortos, em apenas uma batalha, no dia 3 de fevereiro de 1943, ocorreram 200 mil mortos (COGGIOLA, 1995).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hitler passou por várias fases em sua vida que propiciaram sua personalidade. Seu entusiasmo nacionalista começou desde a infância. Mais velho, seu pensamento foi fortalecido pelas ávidas leituras que fazia sobre história, mitologia e obras místicas pagãs. Ao decidir entrar para a política, uma vez que havia desistido da carreira artística, por ter se decepcionado com as rejeições nas escolas de artes e arquitetura, sua perseverança abriu caminho para o poder. Os fatores que o levaram a conseguir tanto destaque, na época, foram exatamente a perseverança, a sua capacidade oratória que foi se desenvolvendo e, principalmente, por causa do cenário particular de devastação que a Alemanha apresentava após a I Guerra Mundial e, mais tarde, os reflexos da crise de 1929.

Nos anos 1920 houve vários planos para estabilizar a economia alemã, alguns obtiveram resultados positivos, outros não. Com a crise de 1931, o Partido Nazista de Adolf Hitler tomou força e conquistou o poder na Alemanha. Os anos que seguiram foram de estabilidade econômica por causa dos gastos do Governo com o rearmamento, graças às políticas econômicas estabilizadoras. Esse período que sucedeu foi caracterizado como Economia de Guerra. Finalmente, em 1934, houve a ruptura do Tratado de Paz de Versalhes.

Assim, o fato de Hitler sempre apontar um culpado, principalmente judeus e o governo weimarista para a situação alemã, e querer destruir esses culpados, para solucionar os problemas, foi o que o ajudou a crescer em popularidade com a população. Envolvia as pessoas em discursos de poder e raça superior para conseguir a atenção de todos.

Em suma, pode-se dizer que todo o esforço da política hitlerista, ao longo dos anos, levou a Alemanha de volta a alguns patamares importantes economicamente. Supõe-se, também, que a situação alemã melhorou até mesmo em relação ao período anterior à I Guerra Mundial. O império de Hitler cresceu tanto que passou a dominar outras grandes nações, mas, por conta de seu fanatismo, isso apresentou um resultado triste e violento em vários aspectos, que ficaram marcados na história do país e do mundo. Portanto, pode-se considerar que os motivos e influências, aqui levantadas, contribuíram para o início da II Guerra Mundial.

Os planos econômicos que conseguiram estabilizar a economia alemã fomentaram os planos de Hitler para o rearmamento da Alemanha, com isso houve a eclosão da II Guerra Mundial, com consequências devastadoras para toda a sociedade. Foi a partir dessa produção de armamento que eles puderam se reerguer como economia, uma vez que naquela época os países que estavam envolvidos no Tratado de Paz de Versalhes estavam mais preocupados em frear os avanços do comunismo no mundo, do que verificar se a Alemanha estava cumprindo o Tratado. Quando se deram conta do problema, ele já era muito grande, e isso acabou resultando em outra guerra mundial que apresentou grandes perdas para vários países, principalmente à Alemanha, pois, à medida que o tempo passou, foram sendo expostos para a humanidade os vários horrores do totalitarismo.

REFERÊNCIAS

- ARRUDA, José Jobson. *História moderna e contemporânea*. 12 ed. São Paulo: Ática, 1980.
- BEAUD, Michel. *História do capitalismo: de 1500 aos nossos dias*. São Paulo: brasiliense, 2004.
- BLAINEY, Geoffrey. *Uma Breve História do Século XX*. São Paulo: Fundamento, 2009.
- COGGIOLA, Osvaldo. *Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico*. São Paulo: Xamã Editora, 1995.

⁷ Para Hitler, raça superior era a ariana, de estatura alta, pele branca, olhos claros, segundo ele, o homem-Deus.

-
- COUTO, J. M.; HACKL, G. Hjalmar Schacht e a Economia Alemã (1920-1950). In: *Revista Economia e Sociedade*. vol. 16., n. 3 (31), p. 311-341, dez., 2007.
- FEST, Joachim C. *Hitler*. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.
- HITLER, Adolf. *Minha Luta*. São Paulo: Moraes, 1983.
- LOPEZ, Luiz Roberto. *História do Século XX*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- MOTA, M. B.; BRAICK, P. R. *História das Cavernas ao Terceiro Milênio*. São Paulo: Moderna, 2000.
- SAES, Flávio A. M. de; SAES, Alexandre M. de *História Econômica Geral*. São Paulo: Saraiva, 2013.
- SCHACHT, Hjalmar. *Setenta e Seis Anos de Minha Vida*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1999.
- SHIRER, William L. *Ascensão e Queda do Terceiro Reich*. Vol. 2. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- SHIRER, William L. *Ascensão e Queda do Terceiro Reich*. Vol. 1. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.